

HEATHER DUNE MACADAM



A HISTÓRIA EXTRAORDINÁRIA DAS
JOVENS
DO PRIMEIRO TRANSPORTE OFICIAL
— PARA —
AUSCHWITZ

Tradução
Pedro Carvalho e Guerra

CRÍTICA



Grupo  Planeta

PLANETA DE LIVROS PORTUGAL
Calçada Ribeiro Santos, n.º 37 – 2.º
1200-789 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2020, Heather Dune Macadam
© 2018, Planeta Manuscrito

Publicado originalmente por Kensington Publishing Corp
Publicado com o acordo da autora e de Sandra Bruna Agencia Literaria, SL

Título original: *999 – The Extraordinary Young Women
of the First Official Transport to Auschwitz*

Revisão: Nuno Telheiro Martins

Paginação: Guidesign

1.ª edição: Outubro de 2020

Depósito legal n.º 474 895/20

Impressão e acabamento: Guide – Artes Gráficas

ISBN: 978-989-777-413-3

www.planeta.pt

Para Edith
Em memória de
Lea
&
Adela

Índice

Prólogo, por <i>Caroline Moorehead</i>	13
Nota da autora	19
Personagens principais do primeiro transporte.	25
Primeira parte.	29
Segunda parte.	151
Terceira parte	333
O regresso a casa	369
Depois	379
Uma última palavra.	399
Lista de fotografias e ilustrações	401
Arquivos	407
Notas das fontes	409
Bibliografia	433
Agradecimentos	445
Índice remissivo	453

Durante grande parte da história, «Anónimo» era sinónimo de mulher.

VIRGINIA WOLF

A medida de qualquer sociedade reside no modo como são tratadas as suas mulheres e raparigas.

MICHELLE OBAMA

A mulher deve descrever-se a si mesma: deve escrever acerca de mulheres e incentivar as mulheres a escrever [...]. A mulher deve colocar-se a si mesma no texto, no mundo, na história [...].

HÉLÈNE CIXOUS, *O Riso da Medusa*

Prólogo

POR CAROLINE MOOREHEAD

NÃO SE SABE AO CERTO, e talvez nunca se venha a saber, o número exato de pessoas que foi transportado para Auschwitz entre 1941 e 1944, nem quem ali pereceu, embora a maioria dos investigadores aceite o número de um milhão. Mas Heather Dune Macadam sabe exatamente quantas mulheres da Eslováquia foram colocadas no primeiro comboio que chegou ao campo a 26 de março de 1942. Também sabe, graças à sua meticulosa investigação em arquivos e entrevistas realizadas às sobreviventes, que aquelas quase 1000 jovens judias, algumas com apenas 15 anos, foram arrebanhadas por toda a Eslováquia na primavera de 1942, sendo-lhes dito que iriam realizar serviço laboral público na Polónia recém-ocupada e que não estariam longe senão alguns meses. Poucas regressaram.

Com base nas listas fornecidas pelo Yad Vashem em Israel, dos testemunhos do Arquivo Visual da Fundação Shoah e do Arquivo Nacional Eslovaco, e localizando as poucas mulheres que ainda estavam vivas, além de falar com os seus parentes e descendentes, Macadam conseguiu recriar não só os antecedentes das mulheres do primeiro comboio como também o quotidiano das suas vidas – e as suas mortes – durante os anos que passaram em Auschwitz. A sua tarefa foi dificultada pela perda de registos, pela abundância de diferentes nomes e alcunhas utilizados, já para não falar das suas grafias tão variadas, e pelo tempo que entretanto passou desde a Segunda Guerra Mundial; mas é isso também que torna as suas descobertas ainda mais impressionantes. Escrever acerca do Holocausto e dos campos de morte não

é, como ela confessa, fácil. A forma que escolheu para a sua narrativa, utilizando as liberdades de romancista para imaginar cenas e recriar conversas, confere proximidade ao seu texto.

FOI APENAS no fim do inverno de 1940-1941, que a IG Farben se estabeleceu em Auschwitz e na zona envolvente, convenientemente próxima de um entroncamento de vias férreas, nas imediações de várias minas e com um acesso abundante a fontes de água, para aí construir uma impressionante nova fábrica na qual produziria borracha artificial e gasolina sintética. Auschwitz recebeu, também, um mandato para desempenhar um papel na «Solução Final da questão judaica», um lugar onde, lado a lado com os alojamentos dos trabalhadores, seria possível matar com rapidez os prisioneiros e eliminar os seus cadáveres com igual velocidade. Quando, em setembro, uma primeira experiência com ácido cianídrico, ou *Zyklon B*, verificou a sua eficácia ao gasear 850 prisioneiros, Rudolf Höss, primeiro comandante do campo, viu nele a resposta para o «problema judaico». Dado que os médicos do campo de concentração lhe garantiram que o gás não provocaria «derramamento de sangue», concluiu que, deste modo, poderia poupar aos seus homens o trauma de testemunharem cenas desagradáveis.

Mas, primeiro, tinha de construir o campo. Pediram a um arquiteto, o doutor Hans Stosberg, que elaborasse os planos. Na Conferência de Wannsee, a 20 de janeiro de 1942, o Gabinete de Segurança do *Reich* estimou que a Europa ocupada incluiria apenas um total de perto de 11 milhões de judeus. Nas palavras de Reinhard Heydrich, número dois da hierarquia das SS depois de Heinrich Himmler, deviam ser «postos a trabalhar de um modo adequado no âmbito da Solução Final». Os que fossem demasiado fracos, demasiado jovens ou demasiado velhos para trabalhar seriam mortos de imediato. Os mais fortes trabalhariam e seriam mortos a seu tempo, dado que «esta elite natural, a ser libertada, teria de ser considerada a potencial semente de uma nova ordem judaica».

A Eslováquia foi o primeiro estado-satélite a ser transformado num país de deportação. Depois de fazer parte do reino da Hungria durante mais de 1000 anos e de ter sido integrada na Checoslováquia no fim da Primeira Guerra Mundial, conseguiu a independência em 1939, sob a proteção da Alemanha, a quem cedia uma grande parte da sua autonomia em troca de assistência económica. Jozef Tiso, um sacerdote católico, fez-se presidente, proibiu os partidos de oposição, implementou a censura, fundou a guarda nacionalista e avivou o antissemitismo, que ia crescendo com a chegada das vagas de refugiados judeus vindas da Áustria após o *Anschluss*. Um censo da época determinava que o número de judeus rondava os 89 000 indivíduos, ou seja, 3,4% da população.

A ordem dirigida às mulheres judias solteiras, com idades compreendidas entre os 16 e os 36 anos, para que se registassem e levassem os seus pertences para um ponto de encontro, não foi inicialmente vista como alarmante, embora algumas famílias clarividentes tenham realizado tentativas desesperadas para esconder as suas filhas. De facto, algumas raparigas consideraram a ideia de ir trabalhar para o estrangeiro emocionante, sobretudo porque lhes foi garantido que, em breve, estariam de volta a casa. A sua inocência levou a que o choque da chegada às portas de Auschwitz fosse mais brutal, e não havia ninguém que as preparasse para os horrores que as esperavam.

Nesse mesmo dia, chegavam de Ravensbrück – que tinha já 5000 prisioneiras e não conseguia receber mais nenhuma – 999 mulheres alemãs. Tendo sido escolhidas, antes da partida, como funcionárias adequadas, supervisionariam os trabalhos das jovens judias, que incluíam a demolição de edifícios, a limpeza de terrenos, trabalhos de escavação, transporte de terra e outros materiais, além de trabalhos agrícolas e de criação de gado, libertando assim os homens que já viviam em Auschwitz, para a realização das tarefas mais árduas de expansão do campo de concentração. As jovens eslovacas, que vinham de famílias numerosas e carinhosas, habituadas à amabilidade e às comodidades da vida, foram obrigadas a suportar que gritassem com elas, que as

despisessem e que lhes rapassem o cabelo, sujeitas a intermináveis passagens de revista ao relento, a andar descalças pela lama, a lutar por alimento, a suportar castigos arbitrários e a trabalhar até à exaustão e, frequentemente, até à morte. Tinham fome, estavam doentes e aterrorizadas. Mais tarde, Höss reconheceu que as guardas de Ravensbrück «superavam os seus homólogos masculinos em dureza, sordidez, rancor e imoralidade». Em fins de 1942, dois terços das mulheres do primeiro transporte tinham perecido.

E o campo de Auschwitz continuava a crescer. Chegavam judeus de toda a Europa ocupada, de França e da Bélgica, da Grécia e da Jugoslávia, da Noruega e, mais tarde, da Hungria, a um ritmo que, em breve, se aproximava dos três comboios a cada dois dias, cada comboio compostos por 50 vagões de gado com mais de 80 prisioneiros por vagão. Em junho de 1943, havia quatro crematórios em funcionamento, com capacidade para incinerar 4736 cadáveres por dia. A maioria dos recém-chegados, famílias inteiras com bebês e crianças pequenas, seguia para as câmaras de gás.

As eslovacas sobreviventes, depois de adquirirem uma certa força física e mental, elaboraram estratégias para sobreviverem, dando-se como voluntárias para os trabalhos mais desagradáveis e encontrando segurança na costura, nas tarefas agrícolas ou nos escritórios do campo, tornando-se especialistas em evitar o extermínio diário das mais fracas, das demasiado doentes ou demasiado magras para trabalhar. Era, nas palavras de Macadam, «um balancé da sobrevivência». As mais afortunadas encontravam ocupação no «Canadá», o termo prisional irónico utilizado para falar dos pertences que os nazis roubavam aos judeus recém-chegados, os quais recebiam ordem para levar de sua casa 30 a 45 quilos de bens pessoais de que pudessem vir a precisar. Cobertores, casacos, óculos, loiças, instrumentos médicos, máquinas de costura, sapatos, relógios de pulso e móveis enchiam uma extensa rede de armazéns, onde equipas compostas pelos homens e mulheres mais afortunados ou astutos, de entre os prisioneiros, trabalhavam em turnos contínuos, preparando carregamentos que regressavam de

comboio à Alemanha. Mais tarde, estimou-se que todas as semanas chegavam a Berlim, pelo menos dois contentores de 1000 quilos cada com objetos valiosos.

Durante muito tempo, as famílias das mulheres eslovacas não sabiam onde as suas filhas tinham ido parar. Os poucos postais que chegavam, cheios de referências enigmáticas a parentes há muito falecidos, eram tão desconcertantes e, por vezes, tão intrigantes que muitos pais conseguiam convencer-se de que as suas filhas se encontravam a salvo e estavam a ser bem tratadas. Mas, à medida que os meses iam passando, também o medo se foi espalhando e tudo piorou quando começaram a levar famílias inteiras. Um dos momentos mais impressionantes do livro de Macadam é a chegada de familiares a Auschwitz, recebidos com horror pelas mulheres sobreviventes, conscientes do destino por que esperavam pais e irmãos.

Muito se tem escrito acerca da experiência de Auschwitz, acerca da luta pela sobrevivência, acerca da febre tifoide, dos gaseamentos, das condições de vida cada vez piores, acerca da fome e da brutalidade, e Macadam não poupa estes horrores. Livros como o seu são fundamentais: relembram aos leitores modernos alguns acontecimentos que não se devem esquecer.

A sua obra, além disso, representa bem o contexto das deportações eslovacas, a vida das comunidades judaicas antes da guerra, o crescendo da perseguição aos judeus e a inocência das famílias enquanto preparavam as filhas para serem deportadas. Escreve de um modo também sugestivo acerca da tristeza das poucas sobreviventes que regressaram a casa e descobriram que os seus pais tinham sido mortos, os seus negócios entaipados e as suas casas e posses tomadas pelos vizinhos. Dos judeus eslovacos anteriores à guerra, 70 000 – mais de 80% – havia perecido e o partido único do regime do pós-guerra proibiu qualquer debate acerca do Holocausto. As mulheres que estiveram no primeiro transporte tinham partido ainda miúdas. Três anos e meio depois, regressavam mulheres feitas, envelhecidas para lá da sua idade por tudo o que tinham visto, sofrido e suportado. O simples facto de

terem sobrevivido tornava-as suspeitas: o que tinham feito, que cedências morais tinham realizado, para não morrerem com as suas amigas?

HÁ UMA IMAGEM no fim deste maravilhoso livro que perdura na imaginação. Uma das jovens sobreviventes, Linda, depois de escapar a Auschwitz e às marchas da morte que ceifaram a vida a tantos sobreviventes, depois de atravessar países mergulhados no caos e na devastação da guerra, correndo sempre o risco de ser violada, vê-se, por fim, num comboio com destino a casa. Os vagões estão repletos de refugiados, por isso, sobe à cobertura e aí, no alto de um comboio que avança lentamente, observa uma paisagem que não está repleta de arame farpado nem de torres de vigia, onde não há guardas nem armas. Apercebe-se de que é livre. É primavera e as árvores estão a verdejar.

Nota da autora

– É MUITO POUCO, muito tarde – diz Ruzena Gräber Knieža em alemão. A linha telefónica crepita. O meu marido, que é o meu intérprete, encolhe os ombros. Na altura, Ruzena tinha sido a única sobrevivente viva do primeiro transporte para Auschwitz que eu conseguira encontrar. O seu número de prisioneira era o 1649. Poucos meses antes, tinha-se mostrado disposta a ser entrevistada por mim para um documentário que queria produzir acerca das primeiras raparigas de Auschwitz; contudo, o meu estado de saúde impedira-me de viajar até a Suíça para a entrevistar. Agora, quem está doente, é ela.

Tento explicar-lhe que o meu principal interesse é falar com ela acerca da Eslováquia, de como a juntaram, a ela e às outras, e de como o seu governo as traiu. Suspira e diz:

– Não quero pensar em Auschwitz antes de morrer.

Aos 92 anos, quem a pode censurar?

Envio-lhe um cartão de agradecimento e, depois, procuro o seu testemunho no Arquivo Visual da Fundação Shoah. Está em alemão. Podemos traduzi-lo, mas o arquivo Shoah não fez as perguntas que eu queria fazer. As que me surgiram desde que há vinte cinco anos, em 1992, me reuni e trabalhei com Rena Kornreich Gelissen, uma sobrevivente do primeiro transporte. Desde que escrevi *Rena's Promise*, alguns membros das famílias de mulheres que estiveram no primeiro transporte entraram em contacto comigo para me contarem histórias acerca das suas primas, tias, mães e avós e, quanto mais informação tinha, mais perguntas me surgiam. Filmei e gravei entrevistas com estas famílias,

mas sem uma sobrevivente que quisesse falar comigo – ou uma família que me deixasse falar com ela –, essas perguntas nunca teriam resposta. Compreendo o desejo de proteger essas idosas. Se sobreviveram três anos a Auschwitz e aos campos de morte, e se chegaram aos 90 anos, por que razão relembrar aquele inferno? Não quero magoar ninguém, ainda menos aquelas mulheres extraordinárias, com perguntas dolorosas que despertam fantasmas do passado.

Um ano depois da minha conversa com Ruzena, enviei um *email* à segunda geração (2G) de famílias e perguntei-lhes se alguém queria refazer as viagens das suas mães da Eslováquia até Auschwitz no septuagésimo quinto aniversário do seu transporte. Muitas pessoas responderam com interesse, mas, no fim, restou apenas um pequeno grupo íntimo de três famílias: os filhos de Erna e Fela Dranger, de Israel (Avi e Akiva), a família norte-americana de Ida Eigerman Newman (Tammy, Sharon e os filhos de Tammy: Daniella e Jonathan) e a filha de Marta F. Gregor (Orna, da Austrália). Depois, poucas semanas antes de nos reunirmos, fui informada de que Edith Friedman Grosman, de 92 anos (n.º 1970), ia ser a convidada de honra nas cerimónias comemorativas do septuagésimo quinto aniversário. Poucos dias depois, Edith e eu falámos através do FaceTime. Entendemo-nos de imediato e ela disse-me que teria todo o gosto em encontrar-se comigo e a minha equipa de filmagem na Eslováquia. Duas semanas depois, estávamos as duas sentadas num edifício de arquitetura soviética transformado em hotel, de paredes brancas e com uma decoração hedionda. Perguntei-lhe as coisas que não sabia que devia ter perguntado a Rena Kornreich (n.º 1916) vinte cinco anos antes.

Tal como Rena, Edith é vibrante, de mente arguta e afiada. Um pequeno pássaro que ilumina a divisão. O tempo que passámos juntas na Eslováquia foi um turbilhão que nos levou do barracão onde ela e as outras raparigas tinham sido alojadas até à estação de comboio a partir de onde as deportaram. Nas cerimónias, fomos apresentadas aos presidente e primeiro-ministro da Eslováquia, ao embaixador israelita na Eslováquia e aos filhos de outras sobreviventes. Numa

homenagem emocionante, cheia de lágrimas e de abraços, o grupo da segunda geração com que eu viajava, conheceu as famílias da segunda geração eslovacas. No fim da semana, o meu marido disse-me: «Isto não é só um documentário. Tens de escrever um livro.»

Escrever acerca de Auschwitz não é fácil. Não é o tipo de projeto que se aceite de ânimo leve, mas, com Edith a meu lado, estava disposta a tentar. Contudo, este livro não se podia transformar em memórias. Teria de incluí-las a todas, ou, pelo menos, tantas quanto conseguisse documentar e introduzir nesta história complexa. No Canadá, conheci outra sobrevivente, Ella Rutman (n.º 1950), e viajei até Toronto para que as duas sobreviventes se vissem. Edith e Ella lembravam-se uma da outra, mas, na sua idade avançada, mostravam-se desconfiadas. Enquanto falavam em eslovaco, Edith lançou-me um olhar doloroso. Não tinham a ligação quente que eu imaginara... Apercebi-me de que Edith não gostava de Ella no seu tempo em Auschwitz. O encontro foi estranho e distante até que as duas idosas começaram a olhar para os seus números no antebraço esquerdo com uma lupa.

– Já quase não consigo ver o meu número, está tão desvanecido – disse Edith.

Também as recordações se desvanecem. Mas a verdade está ali, se se souber procurar. Um dia, enquanto via fotografias com Edith, reconheci o rosto de Ruzena Gräber Knieža.

– Conhecia Ruzena? – perguntei.

– Claro! – respondeu Edith, como se fosse a pergunta mais óbvia do mundo. – Íamos à escola juntas e, depois da guerra, dávamo-nos muito bem com a Ruzena e com o seu marido, Emil Knieža. Era escritor, como o meu marido. Costumávamos visitá-los na Suíça.

Tinha fechado o círculo.

MUITAS DESTAS MULHERES conheciam-se antes de Auschwitz, quer fosse das suas cidades natais, das suas escolas ou das suas sinagogas. Contudo, nos testemunhos do Arquivo da Fundação Shoah é raro que alguém refira o nome de solteira de alguma das raparigas. Por vezes,

as sobreviventes referem outras raparigas através de uma alcunha ou fazem uma descrição física de uma amiga, pelo que é difícil confirmar se as sobreviventes falam de alguém do primeiro transporte. O testemunho de Margie Becker (n.º 1955) é uma dessas raridades em que surgem os nomes completos das raparigas com quem Edith e ela cresceram e, graças a uma fotografia da sua turma, Edith conseguiu identificar a maioria daquelas raparigas. Não me ocorreu perguntar a Edith se conhecia Ruzena antes de eu as ter visto numa fotografia, porque na lista de deportadas o nome de Ruzena surge como proveniente de outra localidade. Não sabia que tinha vivido em Humenné em criança. Se ao menos tivesse iniciado esta viagem quando estavam todas vivas.

Enquanto revejo as últimas correções do livro, recebo um *email*:

«A minha avó esteve no primeiro transporte. Lembro-me das histórias que nos contava. Escreveu um livro relativamente à deportação, mas depois deitou-o fora porque pensava que ninguém acreditaria nela. A primeira página do seu testemunho sobreviveu e tenho-a comigo. Chamava-se Kornelia (Nicha) Gelbova, da aldeia eslovaca de “Humenné”. Nasceu em 1918.»

Numa questão de segundos, abro os arquivos em Excel que criei com todos os nomes das jovens, as suas cidades de origem e a sua idade e tenho à minha frente o nome de Kornelia Gelbova. Tem o número 232 da lista original arquivada pelo Yad Vashem em Jerusalém. O mais extraordinário de tudo é que Ruzena Gräber Knieža faz referência à irmã desta no seu testemunho. Estiveram juntas em Ravensbrück. As duas raparigas estavam na mesma página da lista que as três raparigas que, em breve, irá conhecer muito bem: Edith e Lea Friedman e a sua amiga Adela Gross. E, na mesma página, figuram duas que já conhece: Rena Kornreich e Erna Dranger.

Uma das minhas maiores preocupações ao escrever esta obra é o rigor. Estou sempre preocupada com o acerto nas datas e na cronologia

e com o pormenor das narrações. Edith garante-me que «é impossível que esteja tudo correto. Ninguém pode acertar em tudo. É algo demasiado grande. Falta alguma data, e depois? Aconteceu. Isso é suficiente».

Espero que tenha razão.

Esta história tem muitos relatos. A narrativa central provém das minhas entrevistas com testemunhas, sobreviventes e famílias, assim como dos testemunhos do arquivo da Fundação Shoah. Utilizaram-se memórias, literatura acerca do Holocausto e documentação académica para desenvolver as histórias pessoais, a atmosfera e a política da época. O meu objetivo é construir uma imagem o mais completa possível das jovens do primeiro transporte «oficial» de judeus para Auschwitz. Um dos recursos que utilizei para o alcançar foi a liberdade dramática. Quando surgirem diálogos entre aspas, estarei a utilizar citações diretas das entrevistas com as sobreviventes ou testemunhos de conversas reais. Noutros casos, para ilustrar com mais pormenor ou para completar algumas cenas, utilizei travessões para marcar os diálogos que criei. Faço isto apenas quando num testemunho são referidas conversas ou explicações, mas estas *não* são apresentadas pormenorizadamente.

Sinto uma profunda gratidão por Edith Grosman e pela sua família, assim como pelos Gross, Gelissen e Brandel, que me aceitaram no seu seio e me trataram como um membro honorário da família. «É como uma prima», disse-me Edith na festa do seu nonagésimo quarto aniversário. Junto a ela encontravam-se o filho, a nora, as netas, um bisneto e outro bisneto a caminho. É uma grande honra e um privilégio fazer parte da história destas mulheres, ser sua defensora e sua cronista. Eram adolescentes quando foram enviadas para Auschwitz. Apenas algumas regressaram a casa. A sua sobrevivência é uma homenagem às mulheres de todas as idades e de todo o mundo. Esta é a sua história.

Personagens principais do primeiro transporte

O enorme número de Edith, Magda, Friedmans e Neumanns do primeiro transporte, obrigou-me a criar nomes para identificar as nossas jovens sem equívocos. Isso implica a utilização frequente de uma versão do seu nome de batismo. Referimo-nos às personagens principais pelos seus nomes reais ou pelos nomes com que figuram na lista de transporte. (Por algum razão, as raparigas davam, com frequência, as suas alcunhas em vez dos nomes por que costumavam ser conhecidas; a minha opção será, por conseguinte, o nome dado na lista.) Relativamente aos nomes duplicados, uso outra versão (por exemplo, Margaret transforma-se em Peggy). Se um nome se repetir mais de duas vezes, uso o apelido ou algum nome alternativo. Foi o que aconteceu com as inúmeras Magdas e Ediths com quem tive de lidar. Espero que as famílias compreendam que esta decisão responde à necessidade de tornar claro o relato. Não se pretende faltar ao respeito com a alteração dos nomes, antes se espera que os leitores possam identificar essas jovens mulheres e identificar-se *com* elas.

Mais uma nota: na língua eslovaca, *ova* é o equivalente de menina. Optei por não utilizar *ova* nos nomes das deportadas porque algumas eram polacas e não teriam usado esse recurso linguístico e a Fundação Shoah não utilizava *ova* nos seus arquivos.

**MULHERES DO PRIMEIRO TRANSPORTE DA ESLOVÁQUIA,
POR REGIÃO OU CIDADE DE ORIGEM**

Humenné

Edith Friedman, n.º 1970

Lea Friedman, irmã de Edith, n.º 1969

Helena Citron, n.º 1971

Irena Fein, n.º 1564

Margie (Margita) Becker, n.º 1955

Rena Kornreich (originalmente de Tylicz, Polónia), n.º 1716

Erna Dranger (originalmente de Tylicz, Polónia), n.º 1718

Dina Dranger (originalmente de Tylicz, Polónia), n.º 1528

Sara Bleich (originalmente de Krynica, Polónia), n.º 1966

Ria Hans, n.º 1980

Maya (Magda) Hans, n.º desconhecido

Adela Gross, n.º desconhecido

Zena Haber, n.º desconhecido

Debora Gross, não deportada

Zuzana Sermer, não deportada

Ruzinka Citron Grauber, n.º desconhecido

Michalovce

Regina Schwartz (com a suas irmãs Celia, Mimi e Helena), n.º 1064

Alice Icovic, n.º 1221

Região de Poprad

Martha Mangel, n.º 1741

Eta Zimmerspitz, n.º 1756

Fanny Zimmerspitz, n.º 1755

Piri Rand-Slonovic, n.º 1342

Rose (Edith) Grauber, n.º 1371

Prešov

- Magda** Amster, n.º desconhecido
Magduska (Magda) Hartmann, n.º desconhecido
Nusi (Olga ou Olinka) Hartmann, n.º desconhecido
Ida Eigerman (originalmente de Nowy Sącz, Polónia), n.º 1930
Edie (Edith) Friedman, n.º 1949*
Ella Friedman, n.º 1950*
Elena Zuckermann, n.º 1735
Kato (Katarina) Danzinger (referida na correspondência de Hertzka), n.º 1843
Linda (Libusha) Reich, n.º 1173
Joan Rosner, n.º 1188
Matilda Friedman, n.º 1890*
Marta F. Friedman, n.º 1796*

Região de Stropkov

- Peggy** (Margaret) Friedman, n.º 1019*
Bertha Berkowitz, n.º 1048
Ruzena Gräber Knieža, n.º 1649

MULHERES DO SEGUNDO TRANSPORTE DA ESLOVÁQUIA

- Doutora Mancí** (Manca) Schwalbova, n.º 2675
Madge (Magda) Hellinger, n.º 2318
Danka Kornreich, n.º 2775

* Sem relação familiar com Edith nem com Lea Friedman.